

O ESTATUTO DO MANHÊS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
UFPB

Resumo

A atribuição de um lugar para o chamado “manhês” – tipo de fala dirigida ao infante - nos estudos aquisicionais toca não só o estatuto deste tipo peculiar de fala, como também a própria constituição de uma teoria que dê conta do seu papel para a aquisição. Questionamos o caráter “facilitador” do papel do adulto nas teorias interacionistas de base comunicativa, que estabelecem a ponte entre a criança e a linguagem, e propomos, neste trabalho, um deslocamento da noção de comunicação para a de língua (discurso). Tal deslocamento permite inserir “a interpretação” como lugar da fala do adulto nos estudos aquisicionais (de Lemos, 1995). É na articulação entre mesmo (identidade - fusão) e outro (estranhamento - diferenciação), ou seja pela interpretação, que a criança se insere na língua, já que sua constituição enquanto fala, enquanto língua depende do outro.

Palavras-chave: manhês, prosódia, interacionismo.

Na década de setenta, muitos foram os estudos que se detiveram no **manhês** – fala dirigida ao bebê. Por sua peculiaridade, diversas foram as pesquisas (Snow e Ferguson, 1977) preocupadas em atribuir alguma função a esta fala. Centrados na natureza da fala materna, a principal conclusão a que chegaram é de que tal fala funcionaria como “input” para a criança pequena, e extraindo dela categorias lingüísticas, o infante “aprenderia” a língua. Características morfológicas, sintáticas e fonológica-segmentais têm sido apontadas na fala dirigida ao infante, tais como: graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, modificações na frequência fundamental, uso de falsetto etc.

A denominação deste tipo de fala tem mudado ao longo dos estudos que a tem como objeto de análise. A mudança de nomenclatura na referência a esta fala peculiar demonstra o lugar teórico desta, nos trabalhos e teorias em aquisição da linguagem. Para entendermos melhor o lugar desta fala, tentaremos delinear os termos utilizados para nomeá-la.

A **fala infantilizada** ou *Baby talk* é definida como aquela dirigida à criança pequena, apresentando modificações em relação à fala utilizada em circunstâncias normais. Tipicamente consiste de pequenas sentenças gramaticais, muitas repetições, simplicidade sintática, elevação de altura, entonação exagerada¹ e grande número de perguntas e imperativos. É caracterizada também pela inclusão de itens lexicais infantilizados e da modificação da articulação de certos segmentos. Essas simplificações são utilizadas devido à imagem que se faz das dificuldades lingüísticas das crianças pequenas. Garnica (1977) chamou atenção para a presença de curvas de altura elevadas e padrões de entonação exagerados; essa caracterização prosódica da fala dirigida à criança pequena tem sido confirmada por chineses, japoneses e em várias línguas européias (Fernald, Taeschner, Dunn, Papousek, Boysson-Bardies and Fukui, 1989).

Estudos mostram a preferência por elevadas curvas de altura pelos bebês através das respostas a estas curvas de altura com vocalizações e sorrisos (Fernald et al. op. cit.). Tais modificações prosódicas apresentam-se apenas diante de crianças muito pequenas, a fala endereçada a crianças mais velhas, com cinco anos, por exemplo, não tem mais os ajustes prosódicos descritos acima (Garnica, 1977).

Uma outra característica desta fala é o uso de itens lexicais infantilizados ou em diminutivo como "gatinho" – para gato, "dodói"- para ferimento, etc, bem como o uso de onomatopéias como au-au – para cachorro, piu-piu – para pintinho, miau – gato, utilizados devido à palavra original ser julgada como "difícil de pronunciar" ou para reproduzir processos fonológicos correntes na fala inicial da criança.

Como destaca Snow (1977), os ajustes de fala endereçada à criança variam de acordo com a idade do infante, sua idade reflete o estágio de

¹ Nunca esteve muito claro o que a literatura entende por "padrões de entonação exagerados". Observando os exemplos constantes na literatura, e os nossos próprios exemplos, entendemos tratar-se de um cruzamento entre maior número de variações de altura num contorno, maior divisão do enunciado em unidades entonacionais e maior âmbito de altura dentro do contorno, isto é, variações no parâmetro de tessitura. O resultado são contornos entonacionais que abrangem níveis de altura mais alargados (com limiares mais baixos e mais altos) em comparação com os da fala do adulto dirigida a outro adulto, em situação mais formal de fala, ou em textos lidos.

desenvolvimento que pode ser identificado pelo adulto e que guia as concepções sobre o tipo de compreensão e habilidade lingüística da criança.

Os estudos citados e brevemente descritos centram-se nos ajustes da fala do adulto quando diante de um interlocutor muito jovem – o bebê. A ênfase aqui está no exame e descrições do tipo de fala endereçada a este bebê. Nesta perspectiva, incluem-se não só os ajustes de fala produzidos por pais e mães, mas por qualquer um que enderece sua fala ao infante (Garnica, op. cit.), inclusive crianças mais velhas. O papel atribuído a tais ajustes é o de facilitar o desenvolvimento da linguagem, fica em aberto a maneira que ocorre essa tal facilitação.

Quando os trabalhos voltaram-se para a fala materna dirigida à criança pequena – o **manhês**, a perspectiva mudou, pois partia da hipótese de que os adultos em geral e as mães em particular suprem suas crianças com "lições de linguagem".

A "hipótese do manhês" foi construída para testar o impacto da fala materna sobre o desenvolvimento das estruturas de linguagem das crianças. Foi apresentada num artigo de Gleitman, Newport e Gleitman (1984, p. 45), no qual propunha que "*propriedades especiais de trocas entre parceiros na fala desempenhariam um papel causal na aquisição*".

Existem estudos bem documentados sobre o papel de ensinar linguagem ao infante (Cazden, 1983), como o ensino de regras pragmáticas como saudações (alô) e convenções (obrigado). O uso da nomeação também tem sido amplamente destacado nos estudos aquisicionais. No entanto, apesar de todo o aparato de aprendizagem oferecido pelo manhês, alguns estudos não têm encontrado um relacionamento entre o "input" materno e o desenvolvimento da linguagem da criança.

A adoção do termo "**fala dirigida à criança**" tenta recuperar um pouco do papel da criança como um parceiro ativo no processo interativo. A natureza facilitativa desta fala para o desenvolvimento da linguagem é considerada elevadíssima, e os aspectos sociais da interação conversacional necessária são também tomados em consideração. Aqui, a idéia é de que a fala dirigida à criança facilita o desenvolvimento da linguagem infantil porque o adulto está atuando como um parceiro conversacional e está ativamente envolvendo a criança numa troca interverbal.

Como coloca Snow (1995), a afirmação de que o "input" era mal formado, incoerente e complexo serviu de base para argumentos inatistas (Chomsky, 1965). Mas esta concepção foi contestada em uma série de estudos que descreveram quantitativamente os tipos de fala dirigida a crianças pequenas (Snow, 1977). Tais estudos apóiam hoje a noção de que a fala dirigida à criança difere da fala entre os pares em uma série de aspectos (destacados nas diferentes nomeações desta fala enumeradas acima).

A autora destaca as principais questões que envolvem a fala dirigida à criança (FDC²) desde a sua demonstração como um “registro” distinto da conversa adulto-adulto, como: sintonia (ou ajustes, vistos no *baby talk*), universalidade, caráter facilitador, essencial ou irrelevante desta fala. No que concerne à universalidade, Snow (op. cit.) ressalta que aspectos específicos da fala dirigida à criança da classe média branca americana podem não existir, neste tipo de fala, em comunidades como dos samoanos, maías k'iché, kaluli ou qualquer outra comunidade lingüística ainda não estudada. Mas destaca que não há alegações sérias de que esta fala (FDC) não possa ser distinta da fala direcionada ao adulto em qualquer outra cultura. Como também, não há argumentos de que os ajustes encontrados na fala de mães de classe média branca americana seriam os únicos elementos facilitadores do desenvolvimento da linguagem.

A partir do momento que os estudos aquisicionais voltaram-se para o papel da interação na relação adulto-criança, o foco de análise passou a ser a linguagem como comunicação, destacando a contribuição de ambos os participantes (adulto e criança) na interação para o desenvolvimento da linguagem.

Porém, conforme o termo vai mudando, o fenômeno vai se adaptando aos novos ventos trazidos pela teoria lingüística “oficial”. Assim, do “input”, que era nos anos 70 e parte dos anos 80, considerado comunicativo, adquirido e peculiar de cada língua e cultura, passa a ser interpretado como, pelo menos parcialmente, inato. Assim é que estudos recentes (Fernald, 1993) apontam para uma provável habilidade inata do infante que orienta e distingue aspectos da fala do adulto que têm valor comunicativo, como as pausas nas palavras ou limites de frases. Tal habilidade facilitaria a fala posteriormente.

Os termos, como se pode observar, enfatizam cada qual uma perspectiva teórica, desde a noção de “input”, passando por uma perspectiva mais facilitativa, até uma noção “interacionista” e comunicativa. Se para as primeiras a criança é um mero receptor de certas características formais, tenta-se resgatar a criança, atribuindo-lhe um papel mais ativo (no interativo e/ou comunicativo), mas sua atividade mantém-se, pelo menos em parte, nos limites do inatismo.

A nomenclatura tem mudado desde a adoção do termo “baby talk” por pesquisadores da linguagem em 1970, mas, essencialmente, o conceito de que as modificações sistemáticas de fala acontecem quando estamos diante de um infante permanece. Resta saber que papel atribuir a elas no processo aquisicional.

² Em inglês Child Addressed Speech.

Percepção em bebês: entre o input e a constituição subjetiva

A demonstração da capacidade perceptual prosódica dos recém-nascidos tem merecido atenção especial ultimamente. O estudo da percepção da fala no infante tem sido uma intensa área de pesquisa, principalmente quando se tenta responder a questões como a capacidade do infante em discriminar e reconhecer os sons da fala e como tal capacidade se desenvolve em face de uma exposição a uma língua particular. Desde antes do nascimento, ainda no útero, o feto já pode ser exposto à voz humana e a algumas características do ambiente de linguagem (Lecanuet e Granier-Deferre, 1993). A exposição pre-natal à voz materna pode ser a base da preferência dos bebês pela voz da mãe em relação a qualquer outra voz humana.

Do nascimento ao primeiro mês de vida, segundo esta literatura, os bebês já demonstram alguma habilidade para discriminar contrastes acústicos considerados foneticamente relevantes. No entanto, essa habilidade discriminatória não constitui evidência de que o infante possua um reconhecimento segmental ou habilidade para reconhecer elementos fonéticos da língua materna. No máximo, recém-nascidos conseguem discriminar a voz de sua própria mãe comparada a outras vozes femininas.

Do primeiro ao quarto mês de vida, o infante consegue detectar a mesma vogal quando produzida por diferentes falantes (produzindo a vogal com diferentes propriedades acústicas), também pode detectar variação nos padrões de entonação e reconhecer a mesma sílaba em diferentes enunciados.

A partir dos quatro meses o infante discrimina marcas prosódicas para unidades oracionais e tem preferência pelo manêis à fala dirigida ao adulto. Entre seis e oito meses, o bebê demonstra o uso de traços prosódicos para distinguir palavras estrangeiras de palavras na língua materna.

Dos sete aos dez meses, ocorre um declínio na habilidade de detectar certos contrastes estrangeiros, indicando que o infante está desenvolvendo algum aspecto de reconhecimento fonético específico da língua materna. Nessa idade a criança tem alguma habilidade para distinguir palavras nativas com base em pistas fonéticas. Nessa idade também há evidências de compreensão de algumas palavras como "não" e "tchau" ou o próprio nome do infante.

Dos dez aos doze meses, o infante apresenta a capacidade de discriminar alguns contrastes acústicos não usados em seu ambiente lingüístico. O que leva à crença de que ele tenha reorganizado as categorias perceptuais para igualar-se às das estruturas fonéticas de sua língua nativa.

A concepção implícita, em tais estudos, da percepção como um mecanismo inato permaneceu intacta para perceptualistas e para a grande

maioria daqueles que estudaram a fonologia da criança durante a década de 70 e o início dos anos 80 (Scarpa e Lier, 1991). E permanece até hoje, adquirindo uma roupagem pré-adaptativa, nas palavras de Locke (1995),

“ o bebê é incompleto do ponto de vista do desenvolvimento, mas é totalmente competente para lidar com a exibição de pistas que têm significado biológico ” (p. 235, grifo meu).

Dotar o bebê de uma competência perceptual é tomá-la como algo que já existe, que está pronto para ser posto em ação, através de estímulos acústicos salientes na fala; esta é a base da perspectiva de Fernald (1993).

Mas como colocam Scarpa e Lier (op. cit.) desvincular-se de uma idéia de um organismo pré-programado implica em admitir o bebê como indiferenciado. Esta noção de indiferenciação, tomada pelas autoras, implica em considerar a idéia de uma não discriminação entre mundo interno e externo.

Assim, para as autoras, a idéia de percepção espontânea ou pronta é refutada em prol da perspectiva de concebê-la como mediada pela ação.

Para nós, a compreensão desse processo gradual de diferenciação e subjetivação se efetiva nos deslocamentos subjetivos marcados na fala materna, que irão possibilitar a relação do infante com sua própria subjetividade. Pois no primeiro ano de vida é o trabalho melódico-afetivo, incluída a tríade lingüística (prosódico, paralingüístico e extralingüístico) - sem separação estrita, que vai possibilitar a inserção do infante, via discurso materno, na língua em atividade (Cavalcante, 1999; 2001).

Estudos naturalísticos com análises longitudinais não têm sido muito trabalhados na área. Os estudos citados na literatura normalmente referem-se a situações experimentais controladas em laboratório, conforme descrevemos acima. Porém, alguns estudos longitudinais já apontam e destacam sinais perceptivos e produtivos nos bebês em situações interativas naturalísticas (Lier, 1983; Gonçalves, 1989). Além de questionar a capacidade perceptiva dos bebês, tais estudos permitem uma visualização e melhor compreensão desenvolvimental dos processos que envolvem o acesso da criança à sua língua materna. E, mais importante, podem elucidar que caminhos lingüísticos possibilitariam este acesso. Para nós, em particular, esta via de acesso seria a prosódia.

Por uma perspectiva lingüístico-discursiva

A atribuição de um lugar para o chamado “manhês” nos estudos aquisicionais toca não só o estatuto deste tipo peculiar de fala, como também

a própria constituição de uma teoria que dê conta do seu papel para a aquisição (ver a este respeito, Guimarães de Lemos, 1994). Mesmo a adoção de uma perspectiva interacionista, se alicerçada em noções comunicativas, não consegue desvincular-se do papel de “input” atribuído a este tipo de fala. Mas por que a desvinculação do “input” não é possível se estamos no universo das trocas comunicativas, nas quais a criança tem um papel ativo?

Ao conceber a criança como um participante ativo nas trocas interativas, invocando o conceito de “comunicação”, esta alicerça-se numa concepção de intersubjetividade, isto é, de dois sujeitos constituídos apropriando-se de algo que lhes é externo – a linguagem. Ou melhor, de um sujeito “regulador” e/ou “mediador” – o adulto – estabelecendo a ponte entre a criança e a linguagem. A interação neste universo se define como estruturas de ação e atenção humanas nas quais a criança é introduzida pelo interlocutor adulto, através da atribuição intencional de significados e intenções ao comportamento infantil. Questionando o caráter “facilitador” do papel do adulto nas teorias interacionistas de base comunicativa, de Lemos (1995) chama a atenção para a *“existência de um conhecimento dado previamente sob a forma de representações mentais”* (de Lemos, 1995: 122), nestas teorias. Tal conhecimento se apresenta no reconhecimento de intenção e significado na fala do adulto pela criança. A linguagem pois, nesta perspectiva, necessita **apenas** de esquemas interacionais comunicativos para se tornar presente (Bruner, 1975).

Ao destacar a falência na proposta dos trabalhos interacionistas, como os de Bruner (1975) e Halliday (1975), sobre a continuidade entre o comunicativo e o lingüístico, de Lemos (1986) mostra que a hipótese de uma continuidade estrutural entre a comunicação pré-lingüística e a linguagem, proposta por Bruner (op. cit.) – e também a hipótese funcionalista de Halliday (op. cit.),

“ contém em si mesma a negação de seu pressuposto. Isto é, de que a interação social é constitutiva do processo de aquisição da linguagem ” (de Lemos, op. cit.p. 241).

Pois, como ressalta a autora, linguagem e interação são representados, nestes trabalhos, em domínios separados de conhecimento para a criança. A construção do conhecimento lingüístico, então, se concebe como dependente da construção no outro domínio.

Diante deste panorama e tentando desvincular-se dele, de Lemos (1986, 1995) desloca-se da noção de comunicação para a retomada da concepção saussureana de língua como sistema, reinterpretada por Lacan, -

do outro funcionando como “instância de língua constituída” (de Lemos, 1995). Mas em que isto implica para a aquisição?

O deslocamento da noção de comunicação para a de língua (sistema) permite inserir “a interpretação” como lugar da fala do adulto nos estudos aquisicionais. Pois para de Lemos (1995) o adulto é uma instância do funcionamento da língua, lugar de processos lingüístico-discursivos, a que a criança é submetida pela interpretação e significada enquanto falante. Neste sentido, é através da interpretação que o adulto dá sustentação à fala da criança, inserindo-a na língua.

Estes efeitos produzidos pela interpretação podem ser compreendidos como lugares discursivos ocupados pela criança, ao longo de sua trajetória como falante. Desta forma, um primeiro lugar seria a sua total dependência à fala do outro; uma segunda posição seria a de submeter-se ao próprio funcionamento da língua - processos metafóricos e metonímicos, e um terceiro, seria estranhamento de sua própria fala, isto é, passar de interpretado a intérprete, quando surgem as auto-correções, hesitações, etc.

Com este quadro de referência, contesta-se o que a literatura em aquisição da linguagem chama de “input” e comunicação, pois, ao invés de comunicação, tem-se a inserção do sujeito na língua (de Lemos, 1995 entre outros; Guimarães de Lemos, 1994) através da interação dialógica. Esta inserção, compreendida pelo viés da fala materna, traz à tona a passagem de gesto e voz, de corpóreos, para simbólicos através da significação e interpretação maternas que dão sentido às manifestações gestuais e vocais do bebê. Desta forma, ao invés de desenvolvimento, tem-se o deslocamento do sujeito com relação à língua. A criança é significada pela mãe e se subjetiva nas interações com o outro. Ao invés da noção de desenvolvimento tem-se a constituição de um processo de deslocamento da posição/relação do sujeito com a língua.

REFERÊNCIAS

- BRUNER, J. S. (1975) "The ontogenesis of speech acts." *Journal Child Language*, 2.
- _____. (1983) *Childs Talk*. Oxford University Press.
- CAVALCANTE, M. C. B. (1999) *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de doutorado inédita (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP.
- _____. (2001) Melodias Maternas: um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: M. do C. Camarotti (org.) *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2001, p. 79-96.
- CAZDEN, C. (1983) Adult assistance to language development: Scaffolds, models and direct instruction. In: Parker, R. P. e Davis, F. A. (eds.) *Developing literacy: Young children's use of language*. Newark, Delaware: International Reading Association.
- DE LEMOS, C. T. G. (1986) Interacionismo e Aquisição da Linguagem. *Revista DELTA*, vol.2 no.2, 1986, p. 45-57.
- _____. (1995) "Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem". *Letras de hoje*, no. 4.
- FERNALD, A, TAESCHNER, T., DUNN, J., PAPUSEK, M., BOYSSON-BARDIES, B. , AND FUKUI, I. (1989) . A cross-language study of prosodic modifications in mothers' and fathers' speech to preverbal infants. *J. Child Lang.* 16.
- _____. (1993) Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An evolutionary perspective. In P. Bloom (ed) *Language Acquisition. Core Readings*. The MIT Press, Cambridge University Press.
- GAMA, A. *Fala e ação no cuidado materno ao bebê*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- GARNICA, O. (1977) Some prosodic and paralinguistic features of speech to young children . In C.E. Snow e Ferguson (orgs) *Talking to children. Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GLEITMAN, L. R., NEWPORT, E. L. e GLEITMAN, H. (1984) The current status of the motherese hypothesis. *Journal Child Language*, 11.
- GONÇALVES, M. J. (1989) *A construção da fala por uma criança*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- GUIMARÃES DE LEMOS, M. T. (1994) *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- HALLIDAY, M. K. (1975) *Learning how to mean*. Londres: Edward Arnold.
- LIER, M. F. (1983) A constituição do interlocutor vocal. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LOCKE, J. L. (1995) Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada . In: P. Snow, C. E. (1972) Mothers' speech to children learning language". *Child Development*, no. 43.
- SCARPA, E. M. e LIER, M. F. (1991) *Remarks on language perception*. Texto inédito. Campinas.

SNOW C. (1977). Baby talk as a simplified register . In Snow e Ferguson (org.). *Talking to children. Language, input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1995) Questões no estudo do INPUT: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias ”. In: P. Fletcher e B. MacWhinney (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Trad. M. A . G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre.

_____ e FERGUSON, C. (orgs) (1977) *Talking to children. Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.